

## As paixões da alma e a formação humana na perspectiva de Tomás de Aquino

The passions of the soul and human education in the perspective of Tomás of Aquin Kelly Ludkiewicz Alves

Rafael Henrique Santin  
Centro Universitário de Maringá  
Terezinha Oliveira  
Universidade Estadual de Maringá

### Resumo

Este artigo trata da importância da sensibilidade para a formação humana em Tomás de Aquino, teólogo e filósofo italiano do século XIII. Nosso objeto é composto pelas paixões da alma, consideradas pelo teólogo-filósofo na primeira seção da segunda parte da *Suma Teológica*. Para o desenvolvimento de nossas reflexões, nos pautamos nos pressupostos teórico-metodológicos da História Social, principalmente por meio das formulações de Marc Bloch (2001). De acordo com esse autor, o passado pode nos ensinar, por meio dos estudos históricos, sobre a natureza do homem e da sociedade, servindo aos homens do presente como fundamentos do agir. Nesse sentido, acreditamos que o estudo das obras de Tomás de Aquino, na perspectiva da História da Educação, pode contribuir para pensarmos sobre as relações educativas, tema bastante caro para nós atualmente.

Palavras-chave: História da Educação Medieval. *Suma Teológica*. Paixões da alma.

### Abstract

This article addresses the importance of sensitivity to human development in Tomás of Aquin, a Italian philosopher and theologian of the thirteenth century. Our object is composed by the passions of the soul, considered by the theologian-philosopher in the first section of the second part of the *Summa Theologica*. For the development of our thoughts, we have based in the Social History, especially through the formulation of Marc Bloch (2001). According to this author, the past can teach us, by means of historical studies on the nature of man and society, the men served as the foundation of this act. We believe that the study of the works of Tomás of Aquin in the light of History of Education, can help to think about the educational relationships, a theme very dear to us today.

Keywords: History of Medieval Education. *Summa Theologica*. Passions of the soul.



## Considerações iniciais

Este artigo trata da relação entre paixão da alma e educação na *Suma Teológica* de Tomás de Aquino. Para o desenvolvimento das ideias aqui presentes, partimos do segundo capítulo de nossa dissertação de mestrado, intitulada *O amor como princípio educativo em Tomás de Aquino*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

O objetivo desse artigo é compreender a concepção tomasiana de paixão da alma e sua importância para a formação humana. Vale ressaltar que 'paixão da alma', no âmbito desse estudo, não deve ser entendido como entendemos a palavra 'paixão' atualmente. Paixão da alma, para mestre Tomás, corresponde ao princípio das ações de todo ser vivente. São os sentimentos, instintivos nos animais irracionais e intelectivos no homem, que movem os seres à ação.

Nossa pesquisa se insere no campo da História da Educação e partimos dos pressupostos da História Social para o desenvolvimento de nossas reflexões. Nós nos fundamentamos principalmente em Bloch (2001), que afirma a necessidade da pesquisa histórica compreender o passado sem julgá-lo e numa perspectiva de totalidade. Além disso, esse autor afirma que o historiador procura entender o passado preocupando-se com os problemas do presente. Entendemos essa ideia no sentido de buscarmos no passado alguns elementos capazes de nos esclarecer sobre a natureza do homem e das relações sociais. Acreditamos que as obras de Tomás de Aquino, consideradas no contexto de sua elaboração, o Ocidente do século XIII, podem nos fornecer ensinamentos sobre o homem e as relações que estabelecem com a natureza e com a sociedade.

Tomás de Aquino foi um renomado teólogo e filósofo italiano, nascido entre 1224 e 1225 e morto em 1275. (CHENU, 1967). Viveu em algumas das cidades mais importantes da época, mas foi em Paris que se destacou como intelectual e professor universitário. Ingressou na Ordem Dominicana entre 1244 e 1245, contrariando o desejo de sua família. (CHENU, 1967). Ele viveu, portanto, algumas das principais transformações que estavam em curso no século XIII, como o renascimento e o desenvolvimento citadino, o nascimento das universidades e das Ordens mendicantes. (OLIVEIRA, 2005). Essas são as condições que nos permitem estudar as suas obras.



A *Suma Teológica*, nossa fonte principal, é uma obra escrita para os alunos de Tomás de Aquino da faculdade de Teologia. É um livro destinado, portanto, ao ensino. Além disso, a forma como foi escrita reflete o método que o autor contribuiu para aprimorar, que é o método da 'disputa'.

Verger (1990) explicita que o ensino no século XIII tinha dois pilares fundamentais: a *lectio* e a 'disputa'. A *lectio*, ou aula, consistia na leitura atenta dos textos de autores considerados autoridades da disciplina em questão. O mestre ou o bacharel realizava a leitura, parando em alguns momentos para esclarecer algum ponto fulcral para a interpretação das autoridades. Existiam as aulas ordinárias, ministradas pelos mestres; e as extraordinárias, pelos bacharéis. A 'disputa' era o exercício mais original da Universidade e o mais característico do método escolástico, pois era no debate que se observava como mestres e estudantes esforçavam-se para resolver questões pertinentes àquela sociedade, buscando abarcar a totalidades desses problemas.

Nunes (1979) destaca algumas das principais características da 'disputa':

A disputa – *quaestio disputata* – nasceu da *lectio* através da questão e se tornou exercício autônomo próprio do mestre universitário que a organizavam para os seus estudantes. Ocorria no período vespertino e era sustentada pelos bacharéis ou pelo próprio mestre com a participação dos alunos que propunham objeções. A disputa *de quolibet* era uma questão extraordinária ou disputa solene realizada duas vezes por ano, perto do Natal e da Páscoa. Nessa ocasião, os mestres de teologia ou de artes sustentavam uma disputa em que os temas eram imprevisos por serem escolhidos na hora pelos assistentes e as perguntas podiam referir-se a qualquer assunto. Daí o nome dessa disputa: *de quolibet*. As *Quaestiones quodlibetales* constituem o modelo primoroso do gênero. Como diz Chenu, 'a disputa era o torneio dos clérigos'. No dia marcado, sob a direção do mestre, o bacharel sustentava a disputa contra doutores, bacharéis e estudantes numa verdadeira desordem de temas, ataques e respostas. Noutro dia, o mestre ordenava o assunto e procedia à *determinatio*, isto é, resolvia de modo autorizado e categórico a questão. Desse modo, a universidade medieval era um ambiente animado pelas investigações, pelos debates e pela atividade dos alunos e professores. Nela não existia esse processo didático exclusivo, monótono e rotineiro de meras aulas expositivas e de modo algum os alunos se mostravam ouvintes passivos a repetirem cegamente as palavras do professor. O método extravagante



do *magister dixit* foi invenção antiga dos pitagóricos que nunca se acomodou aos processos ativos e vivazes do método escolástico, mas que se perpetuou nas práticas da escola renascentista decadente, do século XVII quase até os nossos dias, quando a renovação didática da pedagogia moderna retomou o espírito e as técnicas da universidade medieval. (NUNES, 1979, p. 250).

A prática do debate foi o exercício mais importante na Universidade e do método escolástico de ensino nela desenvolvido, de modo que esta era uma instituição viva, animada pelo apreço que alunos e professores tinham pelo conhecimento.

Havia duas formas de debates: as questões disputadas e as de *quo-libet*. As primeiras eram realizadas periodicamente, no turno vespertino, e tinham como temas as leituras feitas nas aulas matinais. As segundas aconteciam uma ou duas vezes ao ano, normalmente em datas significativas, como a Páscoa, e não tinham tema predeterminado. Estas últimas, segundo Verger (1990), desenvolviam-se em torno de problemas da sociedade do século XIII, o que ilustra o comprometimento da Universidade medieval com as questões próprias de seu tempo.

Podemos visualizar, ainda, a estrutura desses debates que enriqueciam a Universidade no século XIII. Segundo Nunes (1979), primeiro o mestre ou o bacharel apresentava a questão; em seguida, levantava uma possível solução para o problema que a questão propunha; depois, os participantes (alunos, mestres, bacheleiros) sustentavam objeções, questionando a tese inicial. Após os primeiros questionamentos, vinham as contraobjeções feitas pelos que sustentavam a tese inicial e que se opunham, de certo modo, às objeções. Por último, o mestre sintetizava a discussão e apresentava uma solução para o problema. Quando a solução era contrária às objeções, apresentavam-se respostas particulares a cada objeção feita. Essa dinâmica nos faz supor que os intelectuais medievais concebiam apenas *uma* solução para as questões frente a *outras* igualmente válidas, e que assumiam um compromisso com a verdade e, acima de tudo, com uma forma de questionar respeitosa às afirmações que consideravam equivocadas.

Acreditamos que essas considerações iniciais contribuem para a compreensão das reflexões que seguem sobre as paixões da alma em Tomás de Aquino. Com efeito, nós procuramos considerar os escritos do teólogo-filósofo a partir dos elementos históricos que marcaram sua obra, de modo a



evidenciar as possíveis contribuições de suas experiências para a compreensão do homem e da sociedade.

## **As paixões da alma como fundamentos da ação humana e a importância da educação em Tomás de Aquino**

Na introdução às Questões sobre as paixões, Albert Plé esclarece que Tomás de Aquino analisou as paixões a partir das fontes que lhe eram acessíveis em seu tempo. Afirma que os fundamentos ele buscou principalmente na Bíblia, nos Padres da Igreja e em Aristóteles. Os textos aristotélicos que, segundo Plé, o teólogo-filósofo utilizou para as suas reflexões, são *Da Alma*, *Da Geração*, *Da Corrupção*, *a Retórica* e *a Física*. (PLÉ, 2003).

As Questões sobre as paixões estão inseridas na parte da *Suma Teológica* que trata dos atos humanos. Com efeito, o teólogo filósofo afirma que o fim último da ação do homem é a bem-aventurança. Para alcançá-la, não basta desejar chegar até ela, nós precisamos agir. Existem, de acordo com o autor, duas espécies de atos, uma genuinamente humana e outra que é comum a homens e animais. As paixões fazem parte dessa segunda classe de ações. Porém, enfatizamos nesse artigo as paixões na natureza do homem, escolha que tem algumas implicações, principalmente porque no homem as paixões da alma situam-se no âmbito das ações voluntárias, isto é, circunscritas pela noção de vontade, do agir consciente<sup>1</sup>.

Para a reflexão que nos propomos a desenvolver nesse artigo, analisaremos as Questões que tratam das características essenciais das paixões da alma, que são as de número 22, 23, 24 e 25.

A Questão 22, intitulada *O sujeito das paixões da alma*, trata do significado de paixão da alma. Nessa primeira Questão, Tomás de Aquino explica o que ele entende por paixão da alma em três Artigos: 1) *Existe alguma paixão na alma?*; 2) *Encontra-se mais na parte apetitiva do que na parte apreensiva?*; e 3) *Mais no apetite sensitivo do que no intelectual, chamado vontade?*

A Questão 23, intitulada *Diferença das paixões entre si*, enfoca as diferenças fundamentais entre as paixões, principalmente entre as paixões que pertencem ao concupiscível – que tendem para o bem ou se afastam do mal sem dificuldade – e as que pertencem ao irascível – que, ao contrário do que acontece com as paixões do concupiscível, manifestam-se quando existe



alguma dificuldade. Essa Questão é composta por quatro Artigos: 1) *As paixões do concupiscível e do irascível são diferentes?*; 2) *A contrariedade que existe entre as paixões do irascível é uma contrariedade segundo o bem e o mal?*; 3) *Existe uma paixão que não tem seu contrário?*; e 4) *Pode haver na mesma potência paixões de espécie diferente que não sejam contrárias entre si?*

A Questão 24, intitulada *O bem e o mal nas paixões da alma*, não trata mais das características próprias das paixões. Nessa Questão, Tomás de Aquino procura situar as paixões na relação entre razão e vontade e, por conseguinte, destacar sua importância na ação humana. O autor a divide em quatro Artigos: 1) *Pode haver bem e mal nas paixões da alma?*; 2) *Todas as paixões da alma são moralmente más?*; 3) *Toda paixão aumenta ou diminui a bondade ou a malícia do ato?*; e 4) *Alguma paixão é boa ou má por sua espécie?*

Na perspectiva das análises feitas nas Questões anteriores, na Questão 25, intitulada *A ordem das paixões entre si*, o teólogo-filósofo procura esclarecer de que modo as paixões relacionam-se e se manifestam no ser, constituindo-se como motores das ações particulares dos indivíduos. Essa Questão é dividida em quatro Artigos: 1) *Sobre a ordem entre as paixões do irascível e do concupiscível*; 2) *Sobre a ordem das paixões do concupiscível entre si*; 3) *Sobre a ordem das paixões do irascível entre si*; e 4) *Sobre as quatro paixões principais*.

Nós não pretendemos estudar aqui todos os Artigos das quatro Questões em tela, pois esse não é o enfoque deste trabalho. Nossa intenção é entender a concepção de paixão que Tomás de Aquino apresenta para refletirmos sobre a importância da sensibilidade para o processo educativo na perspectiva do teólogo-filósofo.

Deste modo, no primeiro Artigo da Questão 22, Tomás de Aquino pergunta se existe alguma paixão na alma. O autor então parte da concepção de paixão, afirmando que para esse conceito existem três sentidos. No primeiro sentido, paixão significa padecer enquanto se recebe algo sem que nada se exclua. Esse processo, segundo o teólogo-filósofo, é ser aperfeiçoado. O segundo sentido é aquele pelo qual se entende paixão enquanto se recebe algo conveniente com exclusão do que não convém. O exemplo dado desse segundo significado por Tomás de Aquino é bem elucidativo: o doente recebe a saúde com a exclusão da doença. Acreditamos que esse processo também pode ser atendido como aperfeiçoamento, pois o ser torna-se melhor com a recepção de algo que convém com a eliminação daquilo que é inconveniente.



Segundo o terceiro sentido de paixão, o ser recebe algo que não convém em substituição àquilo que é conveniente. Assim, o homem que está saudável recebe a doença à custa da saúde.

Nesta análise sobre o significado de paixão, o autor utiliza dois conceitos relevantes para a compreensão da Questão. Com efeito, o teólogo-filósofo afirma que, quando recebemos algo mais nobre com a eliminação de algo menos nobre, há geração em sentido absoluto e corrupção em sentido relativo. Ao contrário, quando recebemos algo menos nobre com a exclusão do que é mais nobre, há corrupção em sentido absoluto e geração em sentido relativo. Geração e corrupção parecem ser conceitos-chave para entendermos a concepção tomasiana de paixão.

Tomás de Aquino busca em Aristóteles esses conceitos. A geração e a corrupção são, em essência, mudanças que ocorrem com o ser. Quando acontece uma mudança positiva acontece a geração. Isso pode ser observado, por exemplo, quando o homem nasce e, durante a sua vida, desenvolve as suas potencialidades convenientemente. Quando, ao contrário, acontece uma mudança negativa, ocorre corrupção. Quando o homem morre, por exemplo, ele deixa de existir. (ABBAGNANO, 2007). Assim, geração e corrupção são dois conceitos formulados por Aristóteles e utilizados por Tomás de Aquino para entender as mudanças que se processam em tudo o que existe.

As explicações acima permitem compreender as paixões como sendo características que permitem as mudanças, positivas ou negativas, no ser. Assim, Tomás de Aquino esclarece que as paixões estão presentes na alma nos três sentidos explicados por ele:

Ocorre, pois, que a paixão está presente na alma nos três sentidos. De fato, segundo a mera recepção se diz que *sentir e compreender é de certo modo padecer*. Mas a paixão acompanhada de exclusão só pode existir por transmutação corporal. Daí que a paixão propriamente dita não possa convir à alma senão acidentalmente, quer dizer, enquanto o composto humano sofre. Mas também aqui há diversidade, porque quando tal transmutação se realiza para o pior, tem muito mais razão de paixão do que quando se realiza para o melhor. (TOMÁS DE AQUINO, 2003a, ST, II, q. 22, a. 1, rep., grifos do autor)<sup>2</sup>.

As paixões são, portanto, cruciais para o homem enquanto um ser total, isto é, constituído de corpo e alma. Elas estão presentes no homem, de



acordo com o autor, na medida em que corpo e alma formam uma totalidade e se modifica. Ela está presente no composto humano enquanto acidente e permite-nos sentir e compreender, ou seja, as paixões estão intimamente relacionadas ao processo de aprendizagem, uma vez que aprendemos quando sentimos e compreendemos as coisas por meio dos sentidos e do intelecto. (TOMÁS DE AQUINO, 2004).

Outro ponto importante do debate travado por Tomás de Aquino é o fato de que a “[...] paixão propriamente dita não possa convir à alma senão acidentalmente.” (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, III, q. 22, a. 1, rep.). O autor faz essa afirmação porque, pela sua análise, as paixões são, essencialmente, vinculadas ao apetite sensitivo e não ao intelectivo. Nesse sentido, a presença das paixões na alma intelectiva é um acidente, no sentido de que não é um atributo substancial dela, mas é uma qualidade fundamental na sua definição enquanto ser. O homem é formado por substância e acidente, não sendo, portanto, prudente, do ponto de vista do teólogo-filósofo, considerar sua substância ou suas características acidentais.

No segundo Artigo da Questão 22, Tomás de Aquino explica por que a paixão está na parte apetitiva da alma e não na parte apreensiva. Para isso, ele esclarece que há dois modos de nos relacionarmos com as coisas que nos atraem. Quando nos sentimos atraídos por alguma coisa no sentido de possuí-la verdadeiramente, como quando estamos com fome e nos sentimos atraídos pelo alimento, nós somos movidos pela potência apetitiva. Quando nos sentimos atraídos não pelo objeto de desejo em si, mas pela intenção que lhe é própria, nós somos movidos pela potência apreensiva. O teólogo-filósofo afirma que a potência apetitiva tem o bem e o mal como objetos, já a potência apreensiva tem o verdadeiro e o falso como objetos.

Acreditamos que essa diferenciação entre as duas potências é fundamental para compreendermos as concepções tomasiana de homem e de paixão. Com efeito, o apetite nos conduz à ação e a parte apreensiva nos dá o conhecimento sobre as coisas que nos cercam. Elas se complementam na medida em que nos sentimos atraídos apenas por aquilo que conhecemos. O apetite no homem é denominado vontade. Podemos encontrar a concepção tomasiana de vontade em outra Questão da *Suma Teológica*.

Na Questão 82 da primeira parte da *Suma Teológica*, Tomás de Aquino analisa a vontade em cinco Artigos. No primeiro Artigo, intitulado A



*vontade deseja alguma coisa de maneira necessária?*, o teólogo-filósofo esclarece que a vontade é a faculdade que move o homem a agir, visando ao fim último do homem que é a bem-aventurança. No segundo Artigo, intitulado *A vontade quer necessariamente tudo o que ela quer?*, o autor afirma que a vontade só deseja necessariamente o que tem relação direta com a bem-aventurança, fim último da vontade. No terceiro Artigo, intitulado *A vontade é uma potência superior ao intelecto?*, mestre Tomás prova que o intelecto é mais importante que a vontade em função de seu objeto próprio. No quarto Artigo, intitulado *A vontade move o intelecto?*, o teólogo-filósofo afirma que intelecto e vontade estão em intrínseca relação. No quinto e último Artigo, intitulado *Devem-se distinguir a potência irascível e a concupiscível no apetite superior?*, ele investiga se a vontade tem uma parte irascível e outra concupiscível.

Para os propósitos deste artigo, não analisaremos todos os Artigos desta Questão, uma vez que nossa intenção, ao estudá-la, é entender melhor a concepção que Tomás de Aquino tem acerca da vontade, para entendermos a relação entre as paixões da alma e as potências fundamentais do homem, que são o intelecto e a vontade.

42 No primeiro Artigo, o autor apresenta três análises que consideramos importantes para o nosso trabalho. Em primeiro lugar, esclarece o que entende por 'necessário'. Segundo ele, necessário é aquilo que não pode não ser. Distingue, então, a necessidade causada por um princípio intrínseco, denominada de necessidade natural e absoluta, da necessidade causada por um princípio extrínseco. A necessidade, devido a um princípio extrínseco, pode estar relacionada ao fim ou a uma causa eficiente. A primeira o autor denomina de necessidade de fim ou utilidade, e a segunda de necessidade de coação.

Sobre a necessidade de coação, Tomás de Aquino afirma:

Esta última necessidade repugna inteiramente à vontade, pois chamamos violento o que é contrário à inclinação de uma coisa. Ora, o movimento da vontade é certa inclinação para algo. Em consequência, assim como se chama natural o que é segundo a inclinação da natureza, chama-se voluntário o que é segundo a inclinação da vontade. Assim como é impossível que algo seja ao mesmo tempo violento e natural, é igualmente impossível que algo seja absolutamente coercivo ou violento e ao mesmo tempo voluntário. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, I, q. 82, a. 1, rep.).



Quando algo é necessário por coação, significa que o ser que age é cooptado a agir, independentemente de sua vontade. Por isso, Tomás de Aquino afirma que essa forma de necessidade é violenta em relação à vontade, visto que os seres dotados de vontade agem voluntariamente, isto é, porque querem ou não agir desta ou daquela forma.

Acreditamos que essa ideia é fundamental para nós, educadores do século XXI. Mestre Tomás ensina-nos que somos dotados de uma faculdade chamada vontade e que, por ela, podemos agir voluntariamente. Além disso, esclarece que algumas coisas nós, necessariamente, desejamos, como o alimento que nos dá energia para realizarmos outras atividades que queremos. No entanto, existem outras coisas que nós não desejamos necessariamente. Acreditamos que o conhecimento denominado acadêmico e alguns hábitos que nos formam enquanto sujeitos pertencentes a determinados grupos sociais são exemplos de atos que dependem unicamente de nossa vontade. A coação, nesse aspecto, violenta a vontade, fazendo com que estranhos decidam o futuro de alguns indivíduos.

Nesse contexto, refletir sobre educação torna-se complexo, uma vez que poderíamos afirmar que toda a ação educativa é, em certo sentido, coercitiva. Com efeito, o ato de educar depende da ação de alguém mais experiente sobre outra pessoa menos experiente. Aquele que ensina decide o que ensinar e como ensinar. Por isso, a educação pode ser considerada um ato coercitivo. Porém, Tomás de Aquino analisa a vontade como potência que necessita, portanto, ser formada para chegar à atualidade. O processo educativo, de acordo com o teólogo-filósofo, incide exatamente nesse ponto, no desenvolvimento da potência em ato.

Ainda no primeiro Artigo, o autor afirma que a necessidade natural não é contrária à natureza da vontade. Ele esclarece que a bem-aventurança é o fim último da vontade. Por isso, a vontade adere, necessariamente, ao fim último.

Para melhores esclarecimentos acerca do conceito de bem-aventurança em Tomás de Aquino, buscamos a interpretação de Lacoste (2004). Segundo ele, o teólogo-filósofo, assim como outros pensadores medievais, considera a bem-aventurança, ou beatitude, como o estado de perfeição do ser. Assim, a bem-aventurança absoluta só seria alcançada com a contemplação de Deus na vida eterna. Contudo, o homem pode provar da bem-aventurança em sua vida na terra, por meio da atividade intelectual e pela ação consciente



que conduz à virtude. As paixões fazem parte desse processo na medida em que precisam ser ordenadas pela razão para que o homem chegue, também por elas, à virtude.

No entanto, o fato de aderirmos naturalmente à bem-aventurança não significa que nossas ações nos levarão diretamente a ela. Pela vontade, estabelecemos o norte, que é a bem-aventurança, mas os caminhos nós desenvolvemos com as nossas escolhas:

[...] deve-se dizer que somos senhores de nossos atos enquanto podemos escolher isso ou aquilo. A escolha não versa sobre o fim, ela versa *sobre os meios para o fim*, como está no livro III da *Ética*. Em consequência, o desejo do fim último não faz parte dos atos de que somos senhores. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, I, q. 82, a. 1, sol. 3).

Podemos, então, chegar ou não ao fim último da vontade. Nosso sucesso dependerá das escolhas que fazemos. Considerando que a vontade é uma potência da alma, os meios que nos servem para sermos bem-sucedidos na perspectiva tomásiana podem ser ensinados e aprendidos. Acreditamos que exercer a voluntariedade no sentido que Tomás de Aquino atribui à vontade depende do que aprendemos sobre o mundo e sobre as pessoas durante nossa formação ético-moral e escolar.

Essa ideia ganha ainda mais força quando avançamos na análise da Questão 82. No terceiro Artigo, em que o autor pergunta se a vontade é superior ao intelecto, podemos observar que a vontade está subordinada ao intelecto. Com efeito, pelo intelecto, nós podemos conhecer os bens que queremos para nós. Esses bens são aqueles que acreditamos levar à felicidade. Esses bens que estabelecemos como tais não são bens que nos levam à felicidade só porque acreditamos nisso. Pelo intelecto, nós podemos conhecer as coisas e decidir quais delas nos agradam mais. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, III, q. 15, a. 3). Esse processo é aprendido, uma vez que o intelecto também é uma potência da alma humana, assim como a vontade. (TOMÁS DE AQUINO, 2004). Assim, a vontade nos impele à ação mediante o que, pelo intelecto, nós estabelecemos como conveniente. O processo educativo é responsável por oferecer condições para fazermos isso.

Podemos considerar, também, a importância dessas afirmações para o tempo de Tomás de Aquino. Ele observou, de perto, algumas das principais



transformações que estavam acontecendo no Ocidente medieval, como o renascimento urbano num contexto de relações feudais. (LE GOFF, 2005). As relações sociais, no contexto do feudalismo, se davam fundamentalmente pela fidelidade entre servos e senhores, em que o primeiro oferecia seus serviços ao segundo em troca de proteção. Contudo, nas cidades do século XIII os homens viviam e se organizavam diferentemente, com mais liberdade. (LE GOFF, 2006; OLIVEIRA, 2008). Nós não podemos entender, porém, que na cidade medieval, contexto de formulação das ideias do teólogo-filósofo, existia liberdade do modo como temos nas cidades atuais, mas, em comparação com as relações feudo-vassálicas, a cidade medieval oferecia aos homens certa liberdade de vontade. Tornava-se, portanto, fundamental refletir sobre essa liberdade e compreender o homem como um ser capaz de julgar e decidir vivendo num ambiente diverso daquele do feudo.

No quarto Artigo, Tomás de Aquino segue analisando a relação entre intelecto e vontade. Nesse penúltimo Artigo, o teólogo-filósofo esclarece que essas duas potências da alma estão intrinsecamente relacionadas, não sendo prudente considerá-las em separado quando se trata da ação humana:

Por aí, se pode ver por que essas duas potências se implicam mutuamente em seus atos: pois o intelecto conhece que a vontade quer, e a vontade quer que o intelecto conheça. Por igual razão, o bem está incluído na verdade, enquanto é uma verdade conhecida, e a verdade está incluída no bem, enquanto é um bem desejado. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, I, q. 82, a. 4, sol. 1).

45

○ intelecto, faculdade responsável pelo saber, conhece o desejo da vontade e a vontade, faculdade responsável pela ação, deseja que o intelecto saiba. Não há como separar, na perspectiva tomasiana, intelecto e vontade na análise da ação humana.

○ autor distingue duas formas pelas quais uma coisa move outra. A primeira maneira é pelo fim. Deste modo, o intelecto move a vontade, pois conhece o bem que a vontade deseja e para o qual tende. A segunda maneira é pelo agente. Nesse sentido, a vontade move não só o intelecto como todas as potências da alma que dependem dela. A vontade, segundo o autor, tem o fim universal como objeto e desejo natural. Por isso é que ela move todas as outras potências, inclusive o intelecto, pois da perspectiva do fim todas as



potências estão subordinadas a ela por considerarem bens particulares que levam ao fim universal, que é a bem-aventurança.

Essas explicações sobre a vontade ajudam-nos a compreender porque as paixões estão na parte apetitiva, que no homem é chamada de vontade. Com efeito, as paixões são responsáveis pelas mudanças que ocorrem conosco, tanto material quanto imaterialmente. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 22, a. 2, sol. 3). Nesse sentido, Tomás de Aquino afirma que as paixões estão na parte apetitiva porque esta é mais ativa do que a parte apreensiva, pois faz “[...] referência às coisas tais como são em si mesmas: pelas ações exteriores, de fato, chegamos a alcançá-las.” (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 22, a. 2, sol. 2).

No terceiro e último Artigo da Questão 22, Tomás de Aquino indaga se a paixão está mais no apetite sensitivo do que no intelecto, denominado vontade. Na solução que o teólogo-filósofo formulou sobre o problema, ele afirma:

Como já foi dito, existe propriamente paixão onde há transmutação do corpo; e esta se encontra nos atos do apetite sensitivo, não só espiritual, como na apreensão sensitiva, mas também natural. O ato do apetite intelectual, ao contrário, não requer nenhuma transmutação corporal, porque esse apetite não é potência de nenhum órgão. Daí ficar claro, que a razão de paixão reside mais propriamente no ato do apetite sensitivo do que no do intelectual; e isso também se vê claramente nas definições aduzidas de Damasceno. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 22, a. 3, rep.).

A paixão, em sentido próprio, pertence mais ao apetite sensitivo. De acordo com o autor, a paixão em sentido próprio requer mudança física e isto pertence ao apetite sensitivo, relacionado aos sentidos do corpo. O apetite intelectual, ao contrário, não implica mudança corporal, pois ele é eminentemente espiritual. Contudo, como pudemos observar, o homem, para Tomás de Aquino, é uma totalidade e as paixões fazem parte do composto humano. Nesse sentido, ele afirma que as paixões estão na alma humana acidentalmente e, deste modo, influenciam a vontade.

Além disso, o teólogo-filósofo destaca o problema da disposição espiritual para a mudança. Segundo ele, o grau de intensidade da paixão não depende somente daquilo que causa a paixão, mas também da receptividade do indivíduo. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 22, a. 3, sol. 2). Nessa



perspectiva, nem todos amam ou odeiam as mesmas coisas com a mesma intensidade. Pode acontecer, por exemplo, de uma pessoa ter mais apreço pelo saber do que outra ou mais interesse por uma disciplina em relação à outra. Enfim, as reflexões de Tomás de Aquino evidenciam não só as capacidades e limites do homem enquanto ser em formação, mas também a diversidade inerente à sociedade.

Depois de discorrer sobre sua concepção de paixão da alma, o autor estabelece algumas diferenças importantes entre as paixões na Questão 23, que trata das *Diferenças das paixões entre si*. Deste modo, no primeiro Artigo ele esclarece que as paixões estão distribuídas entre a parte concupiscível e a parte irascível da alma. A parte concupiscível é responsável por considerar os objetos do desejo absolutamente. Isso significa que, na perspectiva tomasiana, perseguimos o que convém e nos afastamos do que não convém pelo concupiscível. Todavia, quando esses movimentos implicam alguma dificuldade, manifestamos a potência do irascível. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 23, a. 1, rep.). Diante dessas reflexões, Tomás de Aquino conclui:

Logo, todas as paixões que visam o bem ou o mal, absolutamente considerados, como a alegria, a tristeza, o amor, o ódio e semelhantes, pertencem ao concupiscível. Todas as paixões, como a audácia, o temor, a esperança e semelhantes, que visam o bem ou o mal sob razão de árduos, enquanto difíceis de algum modo de serem alcançados ou evitados pertencem ao irascível. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 23, a. 1, rep.).

47

No segundo Artigo dessa Questão 23, o teólogo-filósofo discorre sobre as diferenças fundamentais entre as paixões do concupiscível e as paixões do irascível. Além disso, neste Artigo, ele apresenta as dez primeiras paixões e o que as define.

Deste modo, Tomás de Aquino afirma que as paixões da alma são movimentos do espírito em relação ao bem e ao mal. Nesse sentido, as diferenças entre elas se estabelecem pela espécie de movimento que elas provocam. As paixões do concupiscível, que tem o bem como objeto, movem para ele em sentido absoluto: "Ora, o bem, enquanto bem, não é um termo do qual poderíamos nos afastar, um termo *a quo*, mas apenas *ad quem*, para o qual nos dirigimos, porque nada foge do bem, enquanto bem, tudo, ao contrário, o deseja." (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 23, a. 2, rep.). Essas



paixões, segundo o autor, são o amor, o desejo e a alegria. Já as paixões do concupiscível que tem o mal como objeto provocam o movimento inverso. Elas são o ódio, a fuga ou aversão e a tristeza.

A diferença fundamental das paixões do irascível em relação às paixões do concupiscível é que elas só se manifestam quando o ser encontra alguma dificuldade na consecução do bem almejado ou prevenção do mal indesejado. As paixões que consideram o bem enquanto difícil de ser alcançado são a esperança – enquanto um bem difícil, mas que apresenta razões para ser perseguido – e o desespero – enquanto um bem difícil e que não apresenta motivos para ser perseguido, mas para que dele se afaste. As paixões nomeadas pelo teólogo-filósofo como temor e audácia consideram o mal como algo difícil de ser evitado ou enfrentado. O temor considera o mal enquanto existem razões para evitá-lo. A audácia, diferentemente, considera o mal como algo para ser enfrentado e, por isso, movimenta o ser para o encontro do mal.

Assim, Tomás de Aquino apresenta as peculiaridades fundamentais das primeiras dez paixões da alma. A décima primeira e última paixão, que é a ira, ele apresenta no próximo Artigo dessa Questão 23. Com efeito, a ira é a única paixão que não tem a paixão contrária. No concupiscível, o ódio opõe-se ao amor; a fuga, ou aversão, opõe-se ao desejo; e a tristeza opõe-se à alegria. No irascível, o desespero opõe-se à esperança, a audácia opõe-se ao temor, e à ira nenhuma paixão se opõe. Na solução dada ao problema principal do Artigo, o autor explica a singularidade da ira: “O singular da paixão da ira é que não pode ter o seu contrário, nem por aproximação e afastamento, nem pela contrariedade do bem e do mal, pois é causada por um mal difícil já presente.” (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 23, a. 3, rep.). Nesse sentido, o homem depara-se com um mal já presente e, portanto, não pode mais evitá-lo. O único movimento provocado pela ira é, segundo o próprio mestre Tomás, o combate e o contrário da ira é a interrupção do movimento<sup>3</sup>. Por isso, a ira é uma paixão importante porque não permite a apatia diante de um problema que precisa ser resolvido<sup>4</sup>.

Tomás de Aquino conclui essa Questão com um quarto Artigo, no qual ele faz um quadro geral das paixões. Acreditamos que este quadro, embora extenso, seja fundamental para situarmos as paixões conforme os seus princípios fundamentais:



Ora, nos movimentos da parte apetitiva, o bem tem um certo poder atrativo, e o mal, repulsivo. Desse modo, o bem causa, primeiramente, na potência apetitiva uma certa inclinação ou aptidão ou conaturalidade para o bem, e isto pertence à paixão do *amor*, ao qual por contrariedade, corresponde ao *ódio*, por parte do mal. – Em segundo lugar, o bem, ainda não possuído, lhe dá o movimento para conseguir o bem amado, o que pertence à paixão do *desejo* ou *concupiscência*, e por contrariedade e quanto ao mal, está a *fuga* ou a *aversão*. – Terceiro, obtido o bem, dá-lhe um certo repouso no bem possuído, o que pertence ao *prazer* ou *alegria*, a que se opõe, do lado do mal, à *dor* ou à *tristeza*.

As paixões do irascível, porém, já pressupõem a aptidão ou inclinação a buscar o bem ou a evitar o mal, próprias do concupiscível, que visa o bem e o mal absolutamente. Assim, em relação ao bem ainda não possuído, está a *esperança* e o *desespero*; em relação ao mal não presente, o *temor* e a *audácia*. Com respeito, porém, ao bem possuído, não há no irascível nenhuma paixão, porque, não existe nesse caso a razão de árduo, como já foi dito; mas do mal já presente resulta a paixão da *ira*.

Daí fica claro que há três pares de paixões no concupiscível: amor e ódio, desejo e aversão, alegria e tristeza. Semelhantemente, há três no irascível: esperança e desespero, temor e audácia, e a ira, à qual nenhuma paixão se opõe.

Logo, são onze ao todo as paixões especificamente diferentes: seis do concupiscível e cinco do irascível. E estas abrangem todas as paixões da alma. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 23, a. 4, rep.).

Depois de apresentar as paixões da alma, Tomás de Aquino as analisa, na Questão 24, a partir do ponto de vista moral. Deste modo, nos quatro Artigos dessa Questão, o autor considera as paixões da alma enquanto estão relacionadas à razão e à vontade e, por isso, conduzem a ações voluntárias e passíveis de avaliação moral.

No primeiro Artigo, o teólogo-filósofo discute de que modo as paixões da alma podem ser consideradas boas ou más, moralmente. Para analisar esse



problema, ele afirma, primeiro, que as paixões podem ser consideradas de duas formas, em si mesmas e enquanto estão relacionadas à razão e à vontade.

Nesse sentido, as paixões em si mesmas, segundo o autor, não podem ser consideradas boas ou más, pois a bondade e a maldade do ato humano dependem da razão. Portanto, se consideradas enquanto são movimentos relacionados à inteligência, as paixões podem ser boas ou más. O fato de as paixões estarem, na reflexão tomasiana, ligadas à inteligência e à vontade – que é o desejo refletido – dá a elas o caráter de voluntárias: “Ora, consideram-se voluntárias ou por serem governadas pela vontade, ou por não serem proibidas por ela.” (TOMÁS DE AQUINO, 2003, *ST*, II, q. 24, a. 1, rep.)

Essas reflexões de Tomás de Aquino levam-nos a pensar sobre a importância do intelecto e da educação para o desenvolvimento da pessoa. Com efeito, o intelecto e a vontade são, para o teólogo-filósofo, potências da alma. Por serem potências, dependem de processos formativos para se tornarem atos e, assim, tornar o homem capaz de perseguir os bens que considera convenientes. As paixões, como já destacamos, são conceituadas pelo autor como movimentos que impulsionam o homem à ação. Nesse sentido, a avaliação moral do ato humano passa pelo amadurecimento das potências humanas.

50

Contudo, a análise do teólogo-filósofo não significa que o desenvolvimento da inteligência e o acúmulo de saber assegurem atitudes consideradas boas e justas pela sociedade. A relação entre paixão e inteligência não se dá naturalmente. No terceiro Artigo, Tomás de Aquino reflete sobre a excelência do ato humano, que é provocado pelas paixões. Assim, na resposta à primeira objeção, ele afirma que existem dois modos de as paixões se relacionarem com a razão. O primeiro modo é antecedente e ocorre quando determinada paixão manifesta-se antes da razão, o que diminui a bondade do ato. O segundo modo é consequente. A paixão pode ser consequente, de acordo com o autor, por redundância, que acontece quando o conhecimento move intensamente a vontade para o bem, levando consigo a paixão. Pode acontecer, também, que o homem escolha ser influenciado por determinada paixão para intensificar a ação e, assim, realizá-la da melhor maneira possível.

Portanto, observamos que a relação entre razão e paixão depende da postura do indivíduo diante das situações cotidianas. A quantidade de informações que se apreende durante a vida, nem mesmo a qualidade desse conhecimento, faz com que o ato seja, espontaneamente, bom ou mal. O



homem precisa esforçar-se para desenvolver suas potencialidades e relacioná-las às paixões que o movem para agir. Daí decorre a importância da formação humana que transcende à mera acumulação de saber.

A relevância da relação entre razão e vontade e da formação humana pode ser notada, também, na Questão 25, na qual Tomás de Aquino debate a ordem das paixões da alma. Com efeito, no primeiro Artigo, ele reflete sobre a prioridade das paixões do concupiscível sobre as paixões do irascível. O argumento que o autor desenvolve tem como fundamento a complexidade das paixões ligadas ao concupiscível. Segundo ele, as paixões do concupiscível referem-se ao repouso e ao movimento, no sentido de que, por elas, os homens se movem para obter o bem conhecido e desejado e, depois de alcançá-lo, repousam e se alegram. As paixões do irascível, diferentemente, referem-se apenas ao movimento, pois elas se manifestam quando a consecução do bem mostra-se complicada. Contudo, as relações entre as paixões na perspectiva tomasiana é mais complexa:

O repouso, pois, sendo o fim do movimento, é primeiro na intenção, mas último na execução. Se compararmos as paixões do irascível com as paixões do concupiscível, que supõem o repouso no bem, manifestamente aquelas precedem a estas, na ordem da execução; assim, a esperança precede à alegria e por isso a causa, segundo diz o Apóstolo na Carta aos Romanos: 'Na esperança, alegres'. A paixão concupiscível, porém, que implica o repouso no mal, a saber, a tristeza, é média entre duas paixões do irascível, pois, sendo causada pelo ocorrer do mal que era temido, resulta do temor; mas precede o movimento da ira, porque quando, por causa da tristeza anterior, surge em alguém o desejo de vingança, isso pertence ao movimento da ira. E como vingar-se dos males é apreendido como um bem, o irado se alegra após havê-lo conseguido. Portanto, é evidente que toda paixão do irascível termina numa paixão do concupiscível que pertence ao repouso, a saber, à alegria e à tristeza. (TOMÁS DE AQUINO, 2003, ST, III, q. 25, a. 1, rep.).

Acreditamos que essa distinção entre intenção e execução é importante para entendermos o processo do ato humano segundo Tomás de Aquino. O teólogo-filósofo distingue a ordem das paixões de acordo com a perspectiva do observador. Segundo a intenção, o repouso no bem é posto em primeiro lugar



pelo indivíduo, mas, na execução, ele é o último. A intenção pode realizar-se ou não, pois depende das ações do indivíduo para chegar a ser realidade.

Nós podemos, por exemplo, pensar sobre o trabalho do professor. Ao fazer um planejamento, o professor tem a intenção de ensinar determinado conteúdo aos seus alunos. A aprendizagem dos alunos é o bem que ele deseja. Assim, o professor segue o seu planejamento, esperando que alcance o fim amado. Durante as atividades com os alunos, surgem inúmeras dificuldades, previstas ou não, que o professor precisa resolver para que os seus alunos aprendam. Convém que ele não se desespere diante dos problemas e encontre a melhor forma de resolvê-los. Nesse sentido, o docente deve se preparar muito bem para que a sua intenção se realize e deve, sobretudo, agir racionalmente para que as paixões não interfiram inconvenientemente em suas ações. Como podemos verificar, o caminho entre a intenção e a execução é complexo, e as paixões, bem como a relação entre intelecto e vontade, são seus elementos essenciais.

52 Acreditamos que esse exemplo pode ilustrar a afirmação do teólogo-filósofo que as paixões do irascível são intermediárias em relação às paixões do concupiscível, no sentido de que estas são o princípio e o fim daquelas. Deste modo, o amor e o ódio podem gerar a esperança e o desespero, assim como o desejo e a aversão podem gerar a audácia e o temor, a tristeza pode gerar a ira. A alegria está no fim da ação do homem, pois nos alegramos quando obtemos o fim desejado ou evitamos o mal temido.

Essas reflexões nos remetem ao conceito de ato. Westberg (2004), no verbete *Ação/ato* no *Dicionário crítico de teologia*, oferece-nos uma análise sobre a ação, principalmente sobre os princípios, o processo e a avaliação moral do ato<sup>5</sup>.

Segundo o autor, são quatro os princípios do ato: motivação, fatores mentais, disposição, lei e graça. A motivação é a influência exercida pelo fim desejado sobre aquele que pretende agir em vista desse fim. Os fatores mentais podem ser explicados pela interação entre inteligência e vontade. A disposição, de acordo com Westberg (2004, p. 55), "[...] não são adquiridas ao acaso, são estilos de pensamento e de desejo: estão ligadas aos fins e aos valores, e são fundamento da virtude." Nesse sentido, a disposição do ato é o que nos torna propensos a agir de determinada maneira. Está relacionada, então, ao que nos foi ensinado durante a vida e nos serve de parâmetro para



a ação cotidiana. A lei e graça, finalmente, são os aspectos exteriores que determinam nossas ações. A lei pode ser humana ou divina, e a graça é a inspiração, ou ajuda, de Deus para que o homem possa “[...] ver com mais clareza o verdadeiro bem [...]”. (WESTBERG, 2004, p. 55).

Depois de apresentar os princípios do ato, o autor disserta sobre o processo da ação, Segundo ele, ao longo da história do pensamento, existiram diversas interpretações sobre esse tema, que chegaram a enumerar até doze etapas do ato. Contudo, ele parte do princípio de que inteligência e vontade complementam-se e, por isso, considera, apenas, quatro fases: a intenção, a deliberação, a decisão e a execução. Esse movimento da ação humana adotada por Westberg é bastante semelhante a que Tomás de Aquino elabora nas Questões 15 e 16 da primeira seção da segunda parte da *Suma Teológica*, na qual analisa as concepções de consentimento e uso.

Por fim, para dissertar sobre a avaliação moral do ato, Westberg considera cinco elementos: fins, objeto, circunstâncias, consequências e responsabilidade. Os fins são os significados da ação e são definidos na totalidade do processo, e o objeto é a ação concreta que se pretende realizar, por exemplo, construir uma casa pode ser um objeto com o fim de satisfazer a necessidade de moradia. As circunstâncias são os elementos contextuais sob os quais a ação acontece. Por isso, o autor afirma que “O ato só é verdadeiramente bom se o objeto, o fim e as circunstâncias são todos bons.” (WESTBERG, 2004, p. 55).

As consequências são os resultados da ação, tanto aqueles diretos que se planejava e se queria alcançar, quanto aqueles posteriores que eram inesperados. Estes últimos, segundo o autor, não podem ser considerados para a avaliação moral do ato. Contudo, é preciso levar a reflexão o mais longe possível para prever os efeitos do ato.

A responsabilidade significa assumir as consequências da ação, de modo que não podemos nos eximir de responder por aquilo que fazemos mesmo quando queremos ser omissos. Além disso, o autor destaca um problema importante: nós não podemos nos furtar da responsabilidade, deixando de agir, pois a omissão também é uma ação e, portanto, tem consequências. Na perspectiva cristã, a negligência e a omissão podem ser piores que uma ação pecaminosa. (WESTBERG, 2004).



A interpretação de Westberg do conceito de ato presente na filosofia cristã ajuda-nos a entender o modo como Tomás de Aquino entende a ação humana e, por conseguinte, o lugar das paixões nela.

Deste modo, no segundo Artigo da Questão 25, o teólogo-filósofo questiona se o amor é a primeira da ordem das paixões. Ele afirma que o ato humano pode ser entendido de dois modos, a partir da intenção e a partir da execução. Se pensarmos o ato partindo da intenção, o amor é a primeira paixão, pois primeiro o ser ama o bem, o deseja e, então, move-se para alcançá-lo e, no fim, goza com a consecução do fim. Ao contrário, se considerarmos o ato da perspectiva da execução, então o amor é a última na ordem das paixões, de modo que o prazer do fim precede o desejo e o amor.

Tomás de Aquino, ainda na Questão 25, analisa a questão da união causada pelo amor. De acordo com o autor, o amor pode causar duas espécies de união: uma real e outra afetiva. O amor provoca a união real, de modo que amante e amado associam-se de maneira real, o que não necessariamente ocorre na união afetiva. Entendemos que a união afetiva ocorre no âmbito do espírito, por isso, possibilita que o amor aplique-se a diversos objetos e diferentes fins. Por isso, podemos ter apreço pelo conhecimento científico, ou por uma pessoa que está distante de nós. A união modifica-nos. Ela nos move para alcançar o que amamos e esse processo nos transforma, para o bem ou para o mal.

54

## Considerações finais

O fim último do homem para o mestre Tomás é a bem-aventurança. A bem-aventurança é, para esse pensador, o estado de perfeição do ser. Assim, a bem-aventurança absoluta só seria alcançada com a contemplação de Deus na vida eterna. Contudo, o homem pode provar da bem-aventurança em sua vida na terra, por meio da atividade intelectual e pela ação consciente que conduz à virtude. (LACOSTE, 2004). Assim, as ações humanas devem visar sempre à bem-aventurança, pela qual o homem se sentiria feliz e realizado. O caminho para a consecução da felicidade passa pelos atos particulares praticados diariamente. As ações podem ser especificamente humanas ou comuns entre os diversos animais. As primeiras somente os homens podem realizar, mas as segundas tanto eles como outros animais podem desenvolver. As paixões estão situadas na segunda categoria.



Sendo as paixões atos que tanto homens quanto outros animais podem realizar, o que difere os primeiros dos segundos? De acordo com Tomás de Aquino, os animais são movidos por uma espécie de amor instintivo e os homens pelo amor intelectual, que supõe o exercício do intelecto e da vontade. Os animais não precisam refletir, julgar e escolher para realizar o desejo do apetite sensitivo, já o homem deve submeter as paixões ao juízo da razão para que alcance o que pelo apetite intelectual considerou importante para si.

Contudo, a razão e a vontade são potencialidades no homem. Nesse sentido, precisam ser exercitadas para se tornarem atos. O processo educativo, de acordo com o teólogo-filósofo, incide exatamente nesse movimento de atualização e se coloca, portanto, como algo fundamental para o agir humano.

## Notas

- 1 Em nossa dissertação de mestrado, no segundo capítulo, discorremos sobre o conceito de voluntário e sobre as circunstâncias dos atos humanos de acordo com Tomás de Aquino.
- 2 Para fazer as referências à *Suma Teológica*, partiremos do modelo apresentado pelos tradutores da edição que nos serviu de fonte, dirigida pelo Pe. Gabriel C. Galache, SJ, e pelo Pe. Fidel García Rodríguez e publicada pela Edições Loyola. Portanto, onde está escrito *ST*, I, q. 1, a. 2, rep. deve-se ler *Suma Teológica*, primeira parte, questão 1, artigo 2, resposta; onde está escrito *ST*, II, q. 10, a. 4, sol. 2, deve-se ler *Suma Teológica*, primeira seção da segunda parte, questão 10, artigo 4, solução da objeção 2. Para referenciar a segunda seção da segunda parte, seguiremos este modelo: *ST*, II-II, q. 6, a. 9, rep. Por fim, para a terceira parte: *ST*, III, q. 8, a. 7, sol. 5. Entendemos que, por ser uma obra clássica, esse modo de fazer referência é mais conveniente. Além disso, um leitor que não utilize a mesma edição da *Suma Teológica* que nós utilizamos, poderá encontrar facilmente as passagens na edição que tiver à mão.
- 3 Nós destacamos que, no segundo artigo dessa Questão 23, Tomás de Aquino afirma que a paixão é uma espécie de movimento. Por isso, considerando que o contrário da ira é a ausência de movimento, não há como existir, na perspectiva tomasiana, uma paixão contrária à ira.
- 4 Oliveira (2009) escreveu um texto sobre a ira em Tomás de Aquino. A autora destaca que a ira, na perspectiva tomasiana, é necessária para os homens, na medida em que esse sentimento o capacita a lidar com situações difíceis, na resolução de problemas cotidianos para o estabelecimento de outra realidade.
- 5 Como se trata de um dicionário de Teologia, o autor analisa o ato considerando aspectos teológicos. Acreditamos que essa perspectiva pode ilustrar o que o teólogo-filósofo do século XIII afirma sobre as paixões, enquanto movimentos essenciais à ação humana. Com efeito, Tomás de Aquino escreve sobre as paixões numa *Suma Teológica* e direciona o debate aos alunos do curso de Teologia da Universidade de Paris.



## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução Alfredo Bossi & Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CHENU, Marie Dominique. **Santo Tomás de Aquino e a Teologia**. Tradução Geraldo Dantas Barreto. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1967.

LACOSTE, Jean-Yves. Beatitude. In: \_\_\_\_\_. (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Tradução José Rivair de Macedo. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. Cidade. In: \_\_\_\_\_.; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Tradução Flavio de Campos. Bauru: Edusc, 2006. (v. 1).

NUNES, Ruy Afonso da Costa. A escolástica. In: \_\_\_\_\_. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1979.

OLIVEIRA, Terezinha. **Escolástica**. São Paulo: Editora Mandruvá, 2005.

OLIVEIRA, Terezinha. O ambiente citadino e universitário do século XIII: um *locus* de conflitos e novos saberes. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Antiguidade e Medievo: olhares Histórico-Filosóficos da Educação**. Maringá: Eduem, 2008.

OLIVEIRA, Terezinha. O pecado da ira no mestre Tomás de Aquino: um estudo sobre os costumes e a educação no século XIII. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Educação, história e filosofia no Ocidente: Antiguidade e Medievo**. Itajaí: Univali Editora, 2009.

PLÉ, Albert. Introdução. In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Tradução Pe. Gabriel Corral Galache, SJ & Pe. Fidel García Rodríguez, SJ (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 2003. (v. III).

TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (De Magistro), os sete pecados capitais**. Tradução Jean Luiz Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Pe. Gabriel Corral Galache, SJ & Pe. Fidel García Rodríguez, SJ (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 2003. (v. II).



TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Tradução Pe. Gabriel Corral Galache, SJ & Pe. Fidel García Rodríguez, SJ (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 2003a. (v. III).

VERGER, Jacques. **As universidades na Idade Média**. Tradução Fúlvia Maria Luzia Moretto. São Paulo: Unesp, 1990.

WESTBERG, Daniel. Ação/ato. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

Prof. Ms. Rafael Henrique Santin  
Centro Universitário de Maringá | Maringá | Paraná  
Núcleo de Educação à Distância  
Grupo de Pesquisa Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e  
Medievalidade (GTSEAM)  
E-mail | rafael.h.santin@gmail.com

Profa. Dra. Terezinha Oliveira  
Universidade Estadual de Maringá | Maringá | Paraná  
Departamento de Fundamentos da Educação  
Grupo de Pesquisa Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e  
Medievalidade (GTSEAM)  
E-mail | teleoliv@gmail.com

57

Recebido 8 ago. 2012

Aceito 27 set. 2012